

IMAGINÁRIOS URBANOS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: ENQUADRAMENTOS SOBRE PORTO ALEGRE

*Ketlen Stueber
Valdir Jose Morigi*

Resumo

Descreve como as narrativas sobre Porto Alegre são construídas na literatura do início do século XXI através da análise de três obras da literatura brasileira contemporânea. Os procedimentos metodológicos partem da descrição de elementos simbólicos que formam os imaginários da cidade por meio de análise temática e de conteúdo. Conclui-se que as narrativas literárias sobre Porto Alegre descrevem uma cidade caótica, de temperaturas extremas, insegura, dominada por desigualdades sociais e pela especulação imobiliária. Em contraponto, discursos nostálgicos, descrevem uma cidade segura e rica em ofertas culturais quando regida por gestões populares.

Palavras-chave

Representações. Imaginários urbanos. Narrativas literárias. Porto Alegre.

Introdução

A literatura, assim como as demais manifestações artísticas participam da construção imagética e simbólica por meio de processos

dinâmicos, despertam sentidos, qualificam os imaginários e produzem representações. Neste estudo, o termo “enquadramentos” deve ser entendido enquanto possibilidade de encontrar uma composição de maneira livre, conceber uma perspectiva subjetiva e dialógica, ato constante nas diferentes manifestações artísticas (seja na pintura, fotografia, no cinema ou na literatura) e na ação de informar, comunicar.

As narrativas literárias produzidas sobre as cidades são elementos fundamentais para compreender representações e identificar os imaginários urbanos. Este artigo apresenta, portanto, “enquadramentos” sobre a cidade de Porto Alegre a partir dos imaginários urbanos evocados com base em três narrativas literárias do início do século XXI: *Quarenta Dias* (REZENDE, 2014), *Imóveis Paredes* (FRANCO, 2015) e *Meia Noite e Vinte* (GALERA, 2016).

Questiona-se deste modo, *quais os “enquadramentos” destas narrativas revelam as representações e compõem os imaginários urbanos sobre Porto Alegre?* O plano metodológico partiu da identificação de enunciados simbólicos e elaboração de um croqui (mapa afetivo) para apresentar as nuances dos imaginários urbanos presentes nas obras analisadas. Pode-se redimensionar o estudo a partir do conjunto teórico e metodológico para qualquer outro espaço urbano com base em narrativas literárias (ou por meio de outras narrativas e suportes de mediação) para compreender a representatividade simbólica dos espaços habitados em diferentes tempos.

Quando os atores sociais se envolvem em processos de comunicação reproduzem ativamente enunciados simbólicos que geram representações. E estas interagem com outras representações construídas dentro de perspectivas sociais, culturais e históricas. As representações sociais, os processos de informação, comunicação e mediação, são fundamentais para a formação dos imaginários sociais, os imaginários urbanos e as narrativas literárias sobre as cidades.

Os imaginários, por meio de narrativas são catalisadores das representações. Castoriadis (2007) defende que a imaginação é *potência* de apresentação. Para o pensador, a sociedade constrói a si mesma, fundamenta-se em suas próprias crenças e mantêm-se unida em função das significações imaginárias. São os imaginários capazes de prover bases sobre a vida e a morte das civilizações, pois movem a sociedade, constroem significações, instrumentalizam instituições e inclusive, a linguagem.

A linguagem é formada por ambigüidades, é metafórica. Seu caráter polissêmico torna-a “[...] portadora também de uma dimensão imaginária no sentido forte do termo: pode-se dizer de certas coisas que do ponto de vista conídico não tem sentido, mas que têm um sentido muito importante do ponto de vista da sociedade”, de acordo com Castoriadis (2007, p. 35). O autor afirma também a existência diacrônica da história, e enfatiza que “[...] a verdade é antes de tudo social-histórica, só existe na e pela sociedade, na e pela história.” (p. 267). A história pode ser compreendida pelo imaginário.

Castoriadis (2007, p. 267) parte da questão da verdade para questionar as fronteiras de sentido e relações sociais entre os indivíduos:

Toda sociedade constitui seu mundo em geral, sendo ele um mundo de significações. É assim que ela dá sentido às coisas, aos fenômenos, que estabelece relações, constituindo por isso mesmo um mundo fechado, encerrado sobre si mesmo, que possui uma fronteira e em relação ao qual há sempre os ‘outros’.

Segundo o autor existem duas formas de entender a sociedade, uma a partir de seus dados demográficos, geográficos, naturais, climáticos, entre outros de natureza quantitativa. E em segundo lugar pela captação das significações imaginárias, pois a lógica conídica (poética) é também estabelecida pela sociedade. Deste modo, “a reprodução da sociedade faz apelo, essencialmente, a mecanismos

conídicos, que contêm sempre um elemento imaginário como finalidade suprema, origem etc” (CASTORIADIS, 2007, p. 45). Assim, a construção simbólica e imaginária, geradora de representações sobre as cidades ganham forma nas narrativas literárias, espaço primordial do conídico.

A cidade, antes entendida a partir de sua configuração física, era definida como o oposto do espaço rural. Nas últimas décadas a caracterização do conceito de cidade está permeada por processos culturais e imaginários, conforme afirma García Canclini (1994; 2008). Assim, os livros, o cinema, o rádio, a televisão e a imprensa também se tornaram responsáveis por mediar a construção simbólica das cidades ao elaborar narrativas sobre os acontecimentos e o cotidiano da urbe. Para García Canclini (2002), mais do que propor uma nova ordem, os meios buscam recriar espetáculos reconfortantes e oferecer certa intensidade de experiências. Antes de oferecer informações que possam ser úteis no cotidiano de vivências e sociabilidades, o autor evidencia que o foco dos meios está em estabelecer relações e proximidades entre as comunidades virtuais de consumidores midiáticos. De acordo com García Canclini (2002, p. 50).

[...] a imprensa, o rádio e a televisão contribuem para reproduzir, mais do que para alterar, a ordem social. Seus discursos têm uma função de mimese, de cumplicidade com as estruturas sócio-econômicas e com os lugares comuns da cultura política. Mesmo quando registram manifestações de protesto e testemunham a desigualdade, editam as vozes dissidentes ou excluídas de maneira a preservar o *status quo*.

A seu modo, os meios também contribuem para a democracia e o convívio em sociedade, afirma o autor.

Para além de mapas e outras formas físicas de referência, os fluxos e interações sociais são instituídos a partir de mapas mentais e emocionais. As cidades devem ser entendidas como espaços de tensão entre o que realmente são e o que se idealiza sobre elas. Segundo García Canclini (2008, p.16), “ao reconhecer essa tensão, os estudos

urbanos atuais dão lugar por sua vez às explicações demográficas e socioeconômicas, assim como às representações culturais nas quais se manifestam a heterogeneidade e a complexidade do social”. Deste modo além das informações, dos dados estatísticos populacionais e geográficos, a cidade estabelece-se pela necessidade de elaborar narrativas a partir de seus imaginários urbanos.

A construção imaginária de uma cidade apresenta a mentalidade urbana que lhe é própria, bem como as condições físicas e naturais, os usos sociais e as modalidades de expressão, segundo Silva (2011). Deste modo, a construção da imagem de uma cidade se faz por meio do imaginário de seus moradores através de subjetivos cortes e segmentações. Uma “[...] cidade vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e em suas relações de uso com a urbe não só a percorrem, mas interferem dialogicamente, reconstruindo-a como imagem urbana” (SILVA, 2011, p. XXVII). A imagem urbana institui-se por meio de metáforas coletivas de qualificação dos espaços e pontos de vista cidadãos.

Os imaginários urbanos segundo Silva (2011, p. XXIX), servem para “[...] projetar fantasias, dão como resultado a constatação de que uma cidade também é o efeito de um desejo ou de muitos desejos [...]”. Para desenvolver seus estudos acerca do assunto, o autor fundamenta uma série de conceitos: *ponto de vista do cidadão*; *território*; *mapas e croquis*; e *vitruina*.

O conceito de *ponto de vista do cidadão* estabelece-se a partir de duas características principais: estratégia de enunciação (competência comunicativa verbal e visual) e patrimônio cultural implícito (relação dialógica de participação cidadã). Entende-se por *ponto de vista* as representações e as diferentes estratégias narrativas utilizadas pelos cidadãos para contar histórias e descrever as cidades, inclusive quando os relatos podem ser apresentados por imagens. Para Silva (2011, p.11) o conceito de *ponto de vista* é uma operação de mediação, “[...] implica um exercício de visão, o captar um registro visual mas que também compromete o olhar. Isto é, o sujeito das emoções que se projeta e se ‘enquadra’ naquilo que vê”. A partir do *ponto de vista* cada cidadão recria seus mapas mentais.

Em oposição aos territórios físicos, demarcados por mapas e cartografias, há os territórios mentais, considerado por Silva (2011, p.18) como territórios diferenciais, “[...] daí seu grande e diversificado poder de representação”. O território pode ser demarcado tanto física quanto mentalmente a partir de operações lingüísticas e visuais. Este “[...] alude, mais propriamente, uma complicada elaboração simbólica que não se cansa de apropriar-se das coisas e tornar a nomeá-las, num característico exercício existencial lingüístico: aquilo que eu vivo eu nomeio; sutis e fecundas estratégias de linguagem” (p. 21). O *território* percebido a partir da imaginação recebe o nome de *croqui*. Silva, (2011, p. 18) afirma que “é sem dúvida esse poder evocador da nossa imaginação que proporciona o território a sua maior consistência.” A diferença entre *mapa* e *croqui*, está na forma de representação.

O mapa refere-se à estrutura física, o croqui refere-se à estrutura simbólica de um território. Por meio do croqui destina-se “[...] representar tão somente limites evocativos ou metafóricos, aqueles de um território que não admite pontos precisos de corte, por sua expressão de sentimentos coletivos ou de profunda subjetividade social” (SILVA, 2011, p. 24). Portanto, o *território* é um *croqui* e não um mapa. Ao configurar uma cidade a partir de unidades territoriais, busca-se recompô-la através de *croquis*.

O fluxo social da cidade constitui-se pela noção de centro e periferia, “o centro alude o que é centríco e focal, [...] com base no qual o que rodeia, em maior ou menor distância, chamar-se-á periférico. O periférico alude ao que margeia o centro” (SILVA, 2011, p. 25). No entanto, o autor destaca que centro e periferia estão em constante deslocamento, pois antes de tudo, estes territórios são constituídos por relações de poder e ideologias. É a partir desta perspectiva que o autor apresenta o conceito de *vitrina*.

A *vitrina* é uma janela, um espaço para olhar e ser olhado (a). Oferta de desejos e frustrações excita a imaginação através da troca de olhares, “a vitrina, por princípio psicológico, mostra mais do que pode dar [...] adquire altos conteúdos simbólicos” (SILVA, 2011, p. 28). Destinada para desejar e consumir, a cidade é uma grande vitrina

que de acordo com Silva (2011, p. 29) “[...] indica a forma como os usuários percebem o mundo, suas distâncias, seus anseios”. Perceber a cidade a partir da perspectiva do imaginário incide em considerar sua gama de elementos complexos.

Admite-se assim que há várias formas de estudar um mesmo objeto de pesquisa. Neste caso, o imaginário urbano e suas representações, Porto Alegre e suas narrativas literárias. Pesavento (2002) afirma que o imaginário possui capacidade de recriar o real, através de sistemas de idéias, imagens e percepções. A cidade constitui-se para a autora em um objeto “[...] de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que outros” (p. 9). É desta forma que Pesavento (2002) instiga perceber a cidade com suas distintas nuances e olhares entrecruzados que buscam no real, cadeias de significados. Tais significados seriam metaforizações, representações permeadas de sentidos associadas ao conceito de cidade.

Deste modo, o espaço urbano pode estar integrado por metáforas visíveis – traçadas a partir de imagens, fotografias, pinturas, esculturas, monumentos, entre outros –, e por metáforas invisíveis, implícitas, que para aceder às representações seria preciso dominar seus códigos e símbolos. Perceber a cidade a partir da literatura é uma forma de acessá-la em um caminho de metáforas invisíveis. Para Pesavento (2002, p. 10), “[...] pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e à sociabilidade que neste espaço têm lugar”, implica vivenciar a cidade a partir de suas representações.

O escritor, neste sentido, torna-se um criativo espectador do social capaz de recriar o espaço e “a literatura, ao ‘dizer a cidade’, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto” (PESAVENTO, 2002, p. 10). Assim, para a autora, a literatura também é uma forma de pensar a história e inclusive, de experimentar vivências e cotidianos possíveis, pois, as narrativas de ficção literária muitas vezes partem de fontes próximas da realidade.

Segundo Pesavento (2002), a literatura tem o poder de conceder sentidos e funções aos lugares e projetar os sonhos e utopias de uma comunidade sobre os espaços que habitam a partir de potencialidades metafóricas de transfiguração do real.

A narrativa literária é a pedagogia da imaginação em que elementos “reais” servem de inspiração (PESAVENTO, 2002). A arquitetura e os monumentos de uma cidade, devido sua capacidade de evocar sentidos, valores e vivências, são exemplos interessantes. A autora provoca à reflexão ao questionar se realmente é possível distinguir as imagens “reais” das “criadas” ao passo que “[...] tudo que se vê e se experimenta é por sua vez, recriado enquanto sensação, revivido enquanto memória articuladora de lembrança e decodificado em seus significados [...]” (PESAVENTO, 2002, p. 17). Logo, a construção da realidade perpassa paralelamente por assimetrias, contextos sociais, culturais e pela subjetividade dos sujeitos.

A cidade pode gerar sentimentos contraditórios, como temor e fascínio, pois a construção das representações acerca da mesma é dinâmica. Além da conjuntura social a cidade está representada na narrativa literária a partir da recepção dos leitores. Conforme Pesavento (2002, p. 23) a “[...] recepção/reprodução de idéias e imagens correspondem à necessidade, a enfrentamentos e a campos de luta”, deste modo, a cidade é recriada de diferentes formas. As representações sobre a cidade, presentes na literatura recriam o espaço urbano tanto quanto outras formas de linguagem. Cada qual à sua maneira.

Literatura é um importante campo de investigação para a sociologia do imaginário, afirma Legrós (2014), há uma relação privilegiada entre ambas. Durante muito tempo na história da sociedade, a literatura foi responsável direta por constituir o imaginário social e segue, entre os principais vetores de manutenção dos mitos. A cidade tem importância fundamental na produção literária, segundo Fernandes (2000, p. 19), pois, “é na cidade e por causa da cidade que o romance aparece, floresce e se modifica”. A cidade substituiu a natureza nas narrativas e com o passar do tempo tornou-se a própria personagem, capaz de influenciar o comportamento dos outros personagens da

estória. Por meio das narrativas sobre cidade, novos debates e reflexões puderam ser inseridos na sociedade: questões sobre cidadania, o poder político, filosofia e anseios libertários. Assim, para Fernandes (2000), os romances urbanos são relevantes formas de representação artística e metafórica.

A Porto Alegre imaginada por Maria Valéria Rezende

Pra onde ir?, por enquanto pra lugar nenhum, continuar escondida ali, invisível entre os invisíveis com suas garrafas térmicas e suas cuias de chimarrão, espiando, por todo tempo que eu quisesse, aquele pedaço de mundo no qual tudo que a cidade quer esconder abre-se como um abscesso supurado.

Quarenta dias

Maria Valéria Rezende nasceu em Santos, SP e é freira desde os dezoito anos de idade. A educação popular norteia sua vida, atuou nas periferias de São Paulo e em 1972 foi para o Nordeste no meio rural. Vive em João Pessoa desde 1986. Sua primeira obra foi lançada em 2001, desde lá têm escrito várias obras reconhecidas no meio literário.

Quarenta Dias, conta a história de Alice, personagem que se vê arrancada de sua cidade, João Pessoa, para viver em Porto Alegre. Norinha, sua filha casada com um gaúcho da capital, decide ter um filho. Alice é obrigada a largar tudo, vender sua casa e se desfazer de seus objetos para ajudar a filha a cuidar de uma criança que sequer havia sido concebida. Alice consegue trazer consigo algumas roupas, livros e um velho caderno com a boneca Barbie na capa.

Por fatos inusitados, Alice fica sozinha na cidade. Da Paraíba, uma vizinha clama por notícias do filho, Cícero Araújo, que foi para Porto Alegre trabalhar na construção civil e não deu mais notícias. Em busca de Cícero, mas também numa espécie de fuga e reencontro consigo mesma, Alice adentra a cidade desconhecida.

Explora ruas e bairros de Porto Alegre e da região metropolitana para além dos territórios famosos por sua beleza, infraestrutura e qualidade de vida.

Nesta trama, além da cidade apresentada ao “avesso”, ressurgem personagens que algumas vezes deixam de ser percebidos e reconhecidos por recusa ou naturalização da essencialidade de suas existências. Trabalhadores e trabalhadoras que fazem a cidade acontecer, atuam no comércio, nas casas e apartamentos de classe média e alta, nas construções. Há também aqueles que sequer trabalham, apenas existem calados, sobrevivem e protegem-se da chuva, dos extremos de frio e calor, da fome e do preconceito.

A narrativa não define um ano específico, considera-se a contemporaneidade a partir do ano de publicação (2014) e de relatos sobre o processo de produção em entrevistas da autora publicadas na internet. Aparentemente a obra começou a ser escrita em meados de 2012. Pelos olhos de Alice, mergulhada nas fissuras da cidade (em analogia à obra *Alice no País das Maravilhas*), Maria Valéria Rezende explora Porto Alegre por um ângulo quase desconhecido. Apresenta elementos simbólicos interessantes que ampliam as representações sobre a cidade.

A Porto Alegre imaginada por Miguel da Costa Franco

– Progresso? A senhorita chama de progresso transformar a cidade num mar de espigões?

[...] – A senhorita chama de progresso ter uma Câmara de Vereadores subordinada às construtoras, retardando a aprovação de um plano diretor mais decente, só pra favorecer esse monte de aberrações que tão construindo por aí? Isso é progresso?

Imóveis Paredes, 2015

Miguel da Costa Franco nasceu em 1958 em Roca Sales no Rio Grande do Sul. Trabalhou como roteirista do telefilme e minis-

série *Doce de Mãe*, produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre. Foi argumentista e roteirista do curta metragem *O Último Desejo do Doutor Geraninho*. Publicou contos e crônicas em coletâneas pela editora L&PM e mantém diversos textos disponíveis na internet. *Imóveis Paredes* é seu primeiro romance.

No fim do inverno e início da primavera de 2014, Teté, ou, Eleutério Paredes é pressionado a vender o antigo casarão em que nasceu e cresceu para uma grande construtora. Sua resistência em vender o imóvel faz com que a relação com a filha pareça ainda mais desgastada. À medida que as ofertas ficam irrecusáveis, o personagem se vê envolvido em uma série de boatos e notícias falsas que desmoralizam sua imagem e seu trabalho. Sua teimosia e resistência fazem com que seja comparado à figura de Dom Quixote. O comportamento impulsivo e temperamental do personagem contribui para que surja contra ele uma série de perseguições e injustiças.

Aos 52 anos Teté é descrito como “velho”, com traços ranzinzas, mas bondoso. Mesmo com idade jovem, é descrito como um idoso que possui poucas chances de viver novas paixões ou de concretizar grandes projetos. Costuma andar arrastado, têm ombros arqueados, cabelos grisalhos, e geralmente é descuidado no vestir. Ressentido e nostálgico, depois de passado trinta anos, reencontra Graça, por quem era apaixonado desde a adolescência. Após sair com ela algumas vezes, transfere e associa suas frustrações e pouca sorte no amor ao longo da vida. Resta ao “Dom Quixote do Rio Branco” projetar suas expectativas e desejos em Pilar (recriando uma nova “Dulcinea”). A jovem arquiteta é responsável por derrubar os casarões vizinhos ao seu.

O casarão de Teté por ser um espaço de refúgio e conforto – mesmo com o barulho e a sujeira causados pela demolição das casas vizinhas –, é central na narrativa. Evoca as principais lembranças do personagem, desde a infância. Um esconderijo. Simboliza o espaço primordial, o microsocial da vivência do protagonista, enquanto que Porto Alegre é o espaço macrossocial.

O texto deixa a desejar em relação à construção do feminino, pois, as personagens são colocadas em condições secundárias e objetificadas em alguns trechos. No entanto, a obra destaca-se pela criticidade ao denunciar a exploração do mercado imobiliário e levantar representações contemporâneas e antigas sobre Porto Alegre e seus espaços, o atual contexto político e simbólico da cidade.

A Porto Alegre imaginada por Daniel Galera

“Já acabou o quê?”

“Tudo! Vocês não tem andado nas ruas? Porto Alegre parece uma galinha sem cabeça correndo pelos últimos minutos no quintal.”

Meia noite e vinte, 2016

Daniel Galera nasceu em São Paulo é de família gaúcha, cresceu e vive em Porto Alegre. É um dos criadores da editora independente, Livros do Mal. Muitos dos seus textos foram adaptados para o teatro e para o cinema. *Meia Noite e Vinte* é considerado um romance urbano e se passa em Porto Alegre e São Paulo entre 1999 e 2000 e em 2014.

Em meio ao calor escaldante de janeiro de 2014, em Porto Alegre, Aurora, Emiliano e Antero, se reencontram na cerimônia de despedida de Andrei, assassinado enquanto saía para correr na região do bairro Bom Fim. Morreu com um tiro na cabeça por conta de seu celular. Quando adolescentes, no final de 1999 e 2000, os quatro escreviam para um fanzine eletrônico na época em que a internet discada estava em expansão no Brasil.

No início da revolução da internet, o politicamente correto era inexistente e a profissionalização neste meio dava os primeiros passos. Neste contexto surgira o *Orangotango*. Um fanzine eletrônico de sucesso, publicado duas vezes por semana, escrito pelos jovens. O conteúdo variava entre contos pornográficos, poemas de versos

livres, resenhas sobre filmes e livros, manifestos artísticos produzidos à base de drogas psicodélicas e links apontando as bizarrices da internet.

O encontro entre os amigos faz suscitar lembranças, mexe com suas memórias afetivas e promove reflexões sobre o passado e o presente, seus planos e expectativas. Suas vidas são evocadas desde a Porto Alegre de 1999/2000 e contrapostas à realidade encontrada em 2014. Aparentemente próximos, o paralelo entre estes períodos revela contextos diferentes daqueles imaginados pelos personagens em *Meia Noite e Vinte*.

A narrativa que se passa em dois tempos narra a Porto Alegre caótica e quente de 2014 e a Porto Alegre do final de 1990 e 2000 por meio das lembranças de adolescência dos personagens. Mesmo próximas, considerando o espaço de tempo histórico, encontram-se perspectivas distintas sobre a cidade. A narrativa de fortes traços urbanos seguramente vai além deste plano, mostra-se entrelaçada por memórias, hábitos culturais, crítica social e política.

Transfigura-se pela voz dos jovens, quebra preconceitos e tabus ao apresentar as aventuras e desventuras de seus personagens, seja pela perspectiva feminina, hétero, homo ou bissexual. Também de modo despretenso, intencional ou não, Galera (2016), cria uma espécie de “estética do calor infernal”, ao transcrever um emaranhado de sensações e sentimentos sobre como é viver em Porto Alegre nos dias de verão, com altos picos de temperatura.

“Enquadramentos” sobre as representações e os imaginários urbanos da cidade

Os meios de comunicação e informação estabelecem relações e proximidades. De acordo com García Canclini (2002) os meios oferecem certa intensidade de experiências ao recriar espetáculos. A cidade é um espaço de tensões e pode ser narrada de diversas formas, numa mescla entre o que ela realmente é (ou parece ser) e o modo que é idealizada.

Os imaginários e as metáforas coletivas ressurgidas das vozes dos cidadãos, reproduzidas e ressignificadas pelos meios de comunicação e informação, constituem a cidade e os imaginários urbanos. A partir deste aspecto, Silva (2011) afirma que a cidade é o efeito de muitos desejos. À medida que os desejos desenvolvem-se através de estratégias narrativas para contar histórias e descrever as cidades, estabelece-se o conceito de “*ponto de vista*”.

Segundo Silva (2011) o *croqui* (ou mapa afetivo) constitui-se pela estrutura simbólica evocada por sentimentos coletivos de subjetividade social. Os *croquis* são formados por conjuntos de territórios mentais (estes, projetados por estratégias narrativas ou *pontos de vista*). A estrutura simbólica do *croqui* é formada por elementos centrais e periféricos. O *centro* baseia-se em um ou mais elementos discursivos com maior frequência ou força enunciativa, ou seja, que apresentam o foco do enunciado simbólico. Enquanto que os campos periféricos (margens) são formados por enunciados que rodeiam o campo central.

Considerações finais

A arte está permeada de representações e imaginários, é a ponte entre o vivido e o pensado, o vivido e o sonhado. O simbólico e o sensível não discriminam fato e ficção, permeiam o “real” e a fantasia com a mesma intensidade. Compreender a cidade a partir de sua construção simbólica é extremamente interessante, principalmente para identificar as representações atuantes no espaço urbano.

Percebe-se que as teorias sobre imaginários urbanos (SILVA, 2011) e cidades (SILVA, 2011; GARCÍA CANCLINI, 2002) são meios extremamente interessantes para compreender a construção simbólica dos *territórios* através das narrativas literárias. O *croqui* da cidade extraído das “falas” de cada narrativa sobre Porto Alegre demonstrou a força e a presença de discursos e consensos afetivos que constituem a formação dos *territórios* urbanos.

As narrativas literárias sobre Porto Alegre descrevem uma cidade caótica, de temperaturas extremas, insegura, dominada pela exploração imobiliária, com fortes traços de desigualdade social e desprezo ao patrimônio histórico e arquitetônico. Em contraponto, discursos nostálgicos de um tempo recente, descrevem uma cidade segura, pacífica e rica em ofertas culturais quando regida por gestões populares. Ideais de bem viver são também evocados por ações simples e significativas como caminhar pelas ruas e recolocar as cadeiras nas calçadas, ou seja, ressignificando as formas de ocupação da cidade.

Referências

- CASTORIADIS, Cornelius. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: Seminários 1986-1987: a criação humana, I.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- FRANCO, Miguel da Costa. **Imóveis Paredes.** Porto Alegre: Libretos, 2015.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, cidade, literatura. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade.** Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- GALERA, Daniel. **Meia noite e vinte.** São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- GARCÍA CANCLINI, N. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento, espetáculo, desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (org.). **A cultura pela cidade.** São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008. P. 15-32.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cidades e cidadão imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião pública**, Campinas, v. 8, n.1, 2002, p. 40-53.
- LEGRÓS, Patrick *et al.* **Sociologia do Imaginário.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta Dias.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva, 2011.